

# A BATALHA

DIARIO DA MANHÃ

DIRECTOR — Manuel da Silva Campos



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI — Número 1.801

Terça-feira, 7 de Outubro de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114, 115

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

## A remodelação de "A Batalha",

E' ainda este mês, que terão que lhe não sobra tempo das suas logar as anunciamodificações de "A Batalha". Realiza-se assim o que prometemos, confiados na já tradicional amizade que, por este jornal, nutrem todos os seus leitores. Quando, nestas colunas, se lançou o apelo aos leitores, tinhamos a esperança de que ele seria correspondido. Fundamentava-se essa esperança na própria existência do jornal que tem sido, até hoje, aquilo que os seus amigos querem que ele seja. Interpretando os interesses e as necessidades dos que o leem só dêles e para eles tem vivido.

Realiza-se, como acima afirmámos, ainda este mês, a remodelação do aspecto gráfico de "A Batalha".

Quero isto dizer que, ainda este mês, "A Batalha" se irá transformar a ponto de se tornar aquele jornal amplo, moderno, noticioso, dourinário, vulgarizando todos os grandes acontecimentos, realizando grandes e dispensáveis reportagens, vividas por enviados especiais, documentadas com todos os elementos indispensáveis, gravuras, desenhos, fotografias! Não.

Ainda não é desta vez que a "Batalha" virá a tornar-se no jornal, no grande jornal que as grandes necessidades da hora excepcional que atravessamos, exige. Deste modo falamos, primeiro que não temos hábito de mentir aos leitores prometendo-lhe o que se não faz, para lançar numa alegria e num entusiasmo que mais tarde os factos não viriam a confirmar. Segundo, porque partimos do princípio que, tanto os que trabalham neste jornal, como os que o dirigem, como os que o leem, têm sobre ele grandes e vastas e profundas ambições, que não podem, infelizmente, saciar-se desta vez.

Nono daqui inferir-se que todos os vidas a esperança que os seus leitores não tornarão, um dia, a "Batalha" à altura das suas aspirações. Esse dia, que há de chegar, talvez não venha longe. Menutramos, contudo, se afirmámos que ele surgiria já, na rodada mês.

O apelo a que os leitores acorrem, duma maneira admirável, dava-se a melhorar o aspecto gráfico da "Batalha" substituindo o seu actual tipo que é antiquado e custoso por um outro, novo e moderno. E pode dizer-se, com tranquilo orgulho o afirmamos que o aspecto gráfico do jornal, será ainda este mês, remodelado. A "Batalha" aparecerá dentro de breves dias, remocada.

Ozalá que esse melhoramento, aliás muito importante, não seja o último. Que os leitores não se esqueçam de que só esse grande melhoramento não basta, para que a "Batalha" venha a ser o grande jornal a que todos aspiram.

\*\*\*

O nome de Silva Campos, que é o actual secretário geral da C. G. T., substitui na cabeca do nosso jornal o nome do nosso camarada Carlos José de Sousa. De hoje em diante, pois, o principal responsável pela orientação de "A Batalha", é que junto do jornal procurará interpretar o espírito da colectividade e defender a actividade mais adequada aos seus objectivos sindicais e revolucionários é o nosso camarada Silva Campos.

Isto não quer dizer que se tenha abandonado o critério que levou a organização a pronunciar-se para que o cargo de redactor de "A Batalha" não fosse implicado no cargo de secretário geral da C. G. T. Assumindo a direcção de "A Batalha", Silva Campos fá-lo em primeiro lugar por um caso de força maior, tendo sido sua nomeação indicada pelo próprio camarada Carlos José de Sousa, que se reconheceu impossibilitado de continuar acumulando os cargos de chefe de redacção e de tipografia deste jornal; em segundo lugar, tomando a obrigação de inspirar o porta-voz da organização, não toma conta da parte técnica da redacção, para o

## Uma condecoração merecida...

### Depois de um toureiro, um hoteleiro

Acabamos de ver nos jornais a seguinte notícia:

«Alexandre de Almeida, proprietário de vários botéis, acaba de ser agraciado com o oficialato da Ordem de Cristo, distinguindo assim o governo os serviços prestados ao país pelo conhecido industrial».

Ora até que enfim, Eis uma condecoração merecida. Depois de Maera, o espantoso matador de touros, eis um peito onde deve assentir bem uma insignia tão honrosa. Muito bem. Depois do toureiro um proprietário de vários botéis... «pelos serviços prestados ao país». Nós não podemos de maneira nenhuma deixar de aplaudir tão bela ideia, tão nobre gesto.

Vemos todos os dias que os jornais, os estrangeiros, os próprios nacionais, dissem da nossa indústria hoteleira.

Asseio, comodidades, boa comida, honradez, tudo isso existe. Quem vai viajar e precisa de se servir dum hotel sente-se encantado. Nem na Suíça!

Insetos vitimas dum carrasco chamado «Pôs de Keating? Não há nada disso. Pelo contrário se o viajante leva alguns deixas-lá com toda a certeza.

Camas duras, refeições infecias, serviço pouco variado e a horas incertas, enfim falta de comodidades para quem viaja? Nem pensar nisso é bom...

Falta de seriedade nas contas, ganância desenfreada? Qual histórica!

A nossa indústria hoteleira é única. Ela está sintetizada no senhor Alexandre de Almeida «proprietário de vários botéis». Por isso bem haja quem foi agraciado. Bravo!

E o pobre Jorge Guerner coitadinho, que escreveu uma carta a um escritor francês por este ter ridicularizado num folhetim uma condecoração portuguesa que julgamos uma miséria?

Não valia a pena o sr. Paulo Osório ter perdido o seu tempo e uma estampilha de 25 centimos.

Como vê, o tal escritor, coitado lá tinhos as suas razões. Qualquer dia veremos os «agulheiros», o mercenário aliado, os acambaradores, etc., ostentando orgulhosamente na lapela do casaco o distintivo de Cavaleiros da Ordem de Cristo, Torre e Espada ou outra. E tudo isto porque? «Pelos serviços prestados ao país».

Mas que interessante que isto é, não acham?

Pobre Egas Moniz, pobre Gama, pobres bombeiros que arriscam a vossa vida para salvar a do próximo, pobres enfermeiros, pobres benfeiteiros de asilos e de casas de caridade, enfim pobres de vocês todos cujo fim é o de vos sacrificados pelo próximo! Eis para que serve a vossa bondade, a vossa coragem e abnegação, a vossa filantropia e desinteresse. Andábamos, afastados de

esta palhacada infame, não tendes sinalando na vossa casaca desbotada, na vossa blusa ou farda tinta talvez do vosso sangue, essas miríades de estranhas das vaidade humana...

Ao ver a notícia acima sorriremos talvez com um sorriso superior, que não se compra, que não se vende, com esse sorriso misto de grandeza e de ironia.

Pois bem, fazeis mal! Na época em que vivemos, neste tempo de descalabro, de intrige, de ambições e de infâmias, seres apodados de ridículos e apontados com o dedo.

O mundo rir-se há de vós. Ostenta o vosso peito as lantejoulas duma condecoração, embora elas sejam compradas a peso-douro, de promessas e de aviltamentos, e todos se curvarão à vossa passagem; todas as portas se abrirão, e o vosso nome será prounciado por todos os.

Assim... coitados! Saíde dos vossos sonhos da Verdade e da Razão, pois esta época não o permite!

Condecorações? Com efeito há-las, mas não para quem julgais. Engano!

Hoje, um chefe de Estado, um ministro, para irrisão dos sensatos que os olham, têm a feliz ideia de condecorar os toureiros e o hoteleiros.

O senhor Alexandre de Almeida distinguiu-se «pelos serviços prestados ao país...» Nós concordamos! Bravo!

Vem a propósito perguntar se, porventura, a lei de separação da igreja do Estado já não existirá, pois como a própria circular diz: «pela lei da separação da Golegá, na qual, a propósito da nomeação de um padre para a freguesia de Golegá, se consideram os mesmos habitantes a, segundo as contribuições que pagam ao Estado, pagarem uma percentagem que será estabelecida não sabemos por quem, cuja percentagem constituirá a congrua paroquial».

Vem a propósito perguntar se, porventura, a lei de separação da igreja do Estado já não existirá, pois como a própria circular diz: «pela lei da separação da Golegá, na qual, a propósito da nomeação de um padre para a freguesia de Golegá, se consideram os mesmos habitantes a, segundo as contribuições que pagam ao Estado, pagarem uma percentagem que será estabelecida não sabemos por quem, cuja percentagem constituirá a congrua paroquial».

E' muito possível que o povo da Golegá se deixe espoliar, como é ato natural que se fosse uma contribuição para manter uma escola não fosse possível colher um miserável centavo.

Não se julgue que o nosso reparo a mais este ataque à lei de separação é manifestação de jacobinismo nosso ou indignação pelo desrespeito a essa lei.

Não. Registamo-lo com grande prazer, pois exultamos sempre que temos ocasião de registar um desacato à lei da congregação, tanto que andam por aí, a toda a hora e por toda a parte, reclamando a legalidade e pregando o respeito às leis e aos códigos.

### C. G. T.

#### Comissão Revisora de Teses

Reúne amanhã, pelas 21 horas, para ultimar os seus trabalhos que brevemente levará à apreciação do conselho.

#### Comitê Confederal

Reúne depois de amanhã, pelas 21 horas.

Agora que a greve dos empregados de hotéis, cafés e restaurantes, que há dias terminou com a submissão dos grevistas que lutaram contra si não só a resistência patronal, como também a parcialidade do governador civil que cometeu contra elas uma série intensiva de violências, não seria interessante revelar os abusos de que é vítima o público que frequenta esses estabelecimentos?

E havia tanto, tanto que dizer sobre falta da higiene nas casinhas, o emprego de gêneros deteriorados, o aproveitamento dos restos de comidas que são novo servido aos fregueses, a falsificação do vinho, o estudo anti-higiênico do vinilhame, etc., etc.

Elucidado de como é roubado e envenenado nos grandes hotéis e restaurantes de Lisboa, o público verá que as autoridades que tanto emprego perseguem os operários que buscam meliorar a sua situação de vida, assistem indiferentes ao roubo de que é vítima o povo da capital.

Uma campanha a fazer-se

Agora que a greve dos empregados

de hotéis, cafés e restaurantes, que há

dias terminou com a submissão dos

grevistas que lutaram contra si não só

a resistência patronal, como também a

parcialidade do governador civil que

cometeu contra elas uma série intensiva

de violências, não seria interessante

revelar os abusos de que é vítima o

público que frequenta esses estabele-

cimentos?

E havia tanto, tanto que dizer sobre

falta da higiene nas casinhas, o emprego

de gêneros deteriorados, o aproveita-

mento dos restos de comidas que são

novos servidos aos fregueses, a falsifi-

ciação do vinho, o estudo anti-higieni-

co do vinilhame, etc., etc.

Elucidado de como é roubado e envenenado nos grandes hotéis e restauran-

tes de Lisboa, o público verá que as

autoridades que tanto emprego per-

seguem os operários que buscam

meliorar a sua situação de vida, assistem

indiferentes ao roubo de que é vítima

o povo da capital.

## O VI ANIVERSARIO DA PRIMEIRA INTERNACIONAL

### EVOCASE O DESPERTAR DAS IDEIAS QUE NORTEIAM

#### ALUTA DA EMANCIPACIÃO INTEGRAL DOS TRABALHADORES

Perfez, ao certo, em 23 de setembro do ano que decorre, o 60.º aniversário da memória reunião de Londres, em Saint Martin's Hall que originou a fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores. Foi a primeira grande tentativa da classe operária europeia, para agregar todas as tendências e correntes do recente movimento de todos os países, numa poderosa federação, com o fim de libertar o trabalho escravizado, do jugo do capitalismo.

A Internacional não surgiu de alguns privilegiados, não nasceu das ideias das alianças eleitas, mas das massas operárias e formou-se de acordo com os seus desejos e necessidades.

E' certo que o pensamento dum aassociação internacional dos trabalhadores de França e de Inglaterra, existia já nos anos de 1830-1850, mas o golpe de Estado de Napoleão e a reacção que se desencadeou depois de perdas de reivindicações de 1848-1849, fizeram posteriormente a sua materialização.

As reivindicações dos seus primeiros congressos, Genebra (1860) e de Lausanne (1861) eram, todavia, inseparáveis de França e de Inglaterra, existia já nos anos de 1830-1850, mas o golpe de Estado de Napoleão e a reacção que se desencadeou depois de perdas de reivindicações de 1848-1849, fizeram posteriormente a sua materialização.

No mesmo sentido se realizou também a evolução espiritual da Internacional. Para além das suas reivindicações, existia já nos anos de 1830-1850, mas o golpe de Estado de Napoleão e a reacção que se desencadeou depois de perdas de reivindicações de 1848-1849, fizeram posteriormente a sua materialização.

As reivindicações dos seus primeiros congressos, Genebra (1860) e de Lausanne (1861) eram, todavia, inseparáveis de França e de Inglaterra, existia já nos anos de 1830-1850, mas o golpe de Estado de Napoleão e a reacção que se desencadeou depois de perdas de reivindicações de 1848-1849, fizeram posteriormente a sua materialização.

As reivindicações dos seus primeiros congressos, Genebra (1860) e de Lausanne (1861) eram, todavia, inseparáveis de França e de Inglaterra, existia já nos anos de 1830-1850, mas o golpe de Estado de Napoleão e a reacção que se desencadeou depois de perdas de reivindicações de 1848-1849, fizeram posteriormente a sua materialização.

As reivindicações dos seus primeiros congressos, Genebra (1860) e de Lausanne (1861) eram, todavia, inseparáveis de França e de Inglaterra, existia já nos anos de 1830-1850, mas o golpe de Estado de Napoleão e a reacção que se desencadeou depois de perdas de reivindicações de 1848-1849, fizeram posteriormente a sua materialização.

As reivindicações dos seus primeiros congressos, Genebra (1860) e de Lausanne (1861) eram, todavia, inseparáveis de França e de Inglaterra, existia já nos anos de 1830-1850, mas o golpe de Estado de Napoleão e a reacção que se desencadeou depois de perdas de reivindicações de 1848-1849, fizeram posteriormente a sua materialização.

As reivindicações dos seus primeiros congressos, Genebra (1860) e de Lausanne (1861) eram, todavia, inseparáveis de França e de Inglaterra, existia já nos anos de 1830-1850, mas o golpe de Estado de Napoleão e a reacção que se desencadeou depois de perdas de reivindicações de 1848-1849, fizeram posteriormente a sua materialização.

**Teatro Politeama**  
EMPRESA LUIS PEREIRA  
HOJE  
E  
TODAS AS NOITES

**O HOMEM  
DO PAPAGAIO**

**Braciosa  
e jocosa  
e alegria**  
comédia  
recheada  
de espírito

## O ANIVERSARIO DA REPUBLICA

AS FESTAS COMEMORATIVAS DECORRERAM SEM ENTHUSIASMO,  
Sendo em todos MINIMA A CONCORRENCIA POPULAR

As festas comemorativas do 14.º aniversário da implantação da República que se efectuaram nestes três últimos dias—sábado, domingo e segunda-feira—foram frouxas e decorreram sem entusiasmo.

Houve a costumeira recepção em Belém, um cortejo cívico, uma manifestação no cemitério, várias jantadas de confraternização... republicana, distribuição de bodes, iluminações e muito foguetório e morteiros. De todas essas festas o povo se desinteressou absolutamente, excepto feita ao simbólico de incêndio que foi, sem contestação, o número mais interessante das festas e que atraiu ao Rossio milhares de pessoas. Os bombeiros de Lisboa demonstraram mais uma vez a sua pericia e o seu arrojo pelo que são merecedores do nosso caloroso louvor.

### Uma parada militar

4 de Outubro! Data gloriosa nos anais da História Portuguesa!

Vai comemorar-se o décimo quarto aniversário da nossa felicidade, do nosso bem estar, da nossa liberdade...

São quinze horas da tarde. A multidão apinhava-se, bululando de prazer e de alegria. No nosso Campo de Marte, isto é na Avenida da Liberdade, entrecocam-se numas ánsias homéricas, pisam-se, insultam-se... alvas cabecas de velho, loiras cabeleiras de crianças aos ombros dos pais, confundem-se numas promiscuidade interessante com os milhares de vistosos chapéus das nossas mães, das nossas noivas, das nossas irmãs, parecendo ao longo das vagas dum oceano encapelado mas não traidor.

O calor sufoca os peitos ressequidos, as avelinhas chilreiam nos ramos hincos de paz e de amor, em todos os olhos se nota essa ansiedade dumha multidão heterogênea, esperando impacientemente o começar do espetáculo que lhes é dado gozar nesse dia.

Santa aurora! Nos teus raios do mês resplandece, traizes a visão dumha época única no mundo. 4 de Outubro! Santa liberdade e fraternidade, reparo como os olhares avidos desta multidão te recebe, te aconchega, num borboletórico épico, como quem espera a luz redentora.

Silêncio! O som de um clarim acaba de fazer vibrar a atmosfera, com seus acordes guerreiros. Sentiólos os olhares espantados dessa serpente humana que se estende do Terreiro do Paço à Avenida da República, dardeja faiscas de desejo, de alegria e de orgulho.

De alguns olhos que o frio do túmulo ainda não veio cerrar, serpenteiam comovidamente algumas lágrimas. As crianças riem, batem as palmas num frenesi lantástico, as senhoras agitam deliriantemente os lenços, o sol parece brilhar com mais força. Todos os olhares convergem para o alto da Avenida.

Nisto a mola retida durante muito tempo rebenta com um fragor impossível de descrever. De milhares de bocas, de milhares de peitos, ressoa um clamor intenso, um entusiasmo nunca visto. São as primeiras tropas que passam em frente do camarote presidencial...

Sentido! Um silêncio estranho invade a multidão. Os olhos abrem-se ainda mais, os dedos comprimem-se, as lágrimas brincam nas gargantas ressequidas dos velhos, das mulheres e das crianças...

A cavalaria comeca. Desfile imponente, digna da pena de Homero. Eis a infantaria com garbo nunca visto. Vinte e cinco mil homens passam sob os olhares alucinados do povo. Eis a cavalaria... pomposos nos seus uniformes, dignos, vistosos nos seus Rocinantes. Quêlido! A artilharia... ei-la! Duzentas bocas de fogo passam num tropel fantástico, puchadas por fogos corcéis. Um pal explica ao filho:

— São os 75. Foram estes bocados de brouze e aço que salvaram a nossa honra, o nosso prestígio nas plâpicas inóspitas da França. Aprende a venerá-los meu filho. O borbório reconheça. Há já duas horas e meia que desfila perante os olhares extasiados da multidão aquela cabra cincranta que parece não ter fim. Algumas centenas de aeronaves pairando sobre Lisboa inteira, mostram a todos os olhos que o português ainda sabe erguer bem alto a bela Cruz de Cristo.

Mas que delírio, que febre é esta que sacode nervosamente as dezenas de milhares de assistentes. Os rostos com alegria, algumas senhoras, alguns miseráveis mesmo desfalecidos de comemoção. E a Guarda. Não a velha Guarda de Nápolis, mas a Guarda Republicana, aquela que têm por dever defender-nos contra os ladrões, contra os assaltos, contra os opressores.

E tarde, o sol cesou no horizonte. Nenhum rosto mostra o mínimo sinal de fadiga. Pessa o último resto de tropas... A multidão resplandece de contentamento e de todos os peitos brota um «hurra!» formidável. O eco diversifica-se em tornar mais sonoro e em levar aos confins do mundo este brado de dezenas de milhares de almas sacadas de glória.

— Há quem pregunte se já não há mais...

## AS GREVES

### Operários da Construção Civil

Os grevistas da obra de Joaquim Brás, da rua nº 1 no Bairro das Lamas, reúnem ontem e resolvem dar como terminado o movimento em virtude de estarem dispostos a nunca mais trabalhar com tal individuo.

Avisam, porém, qualquer camaráda que para aquela obra vá trabalhar que se acate com o mestre, pois que este é bastante vingativo, não vendendo bons olhos aqueles que não querem fugir à regra da construção, defeito que tal individuo tem.

### Barbeiros

#### NOTA DO COMITÉ

Camaradas:—O Comitê, apreciando a conduta sobre e atípica como todos se têm manifestado após 12 dias de luta, é com jubilo que saída a classe em geral, embora houvessem alguns elementos derrotistas que a classe soube rechaçar, por vêr neles objetivos da derrota do movimento, apenas para defendêrem os seus interesses individuais.

Em face de, na reunião dos lojistas, estes se comprometeram a acelerar as nossas reclamações, principalmente as de carácter moral, e estabelecendo ordinado de 20.000 diários, ou seja 140.000 semanais, e respeitar os que maior salário usufruam, este comitê aconselha a retomarem o trabalho, ficando vigilantes, e fiscalizará o compromisso tomado pelos logistas se é ou não conforme o deliberado por elas.

Este comitê espera que no prazo de oito dias todos os camarádas sejam sindicados, caso contrário agirá conforme entender.

Na falta de cumprimento de todas as reclamações, serão responsáveis patrões e operários, não se admitindo evasivas de espécie alguma, pois quem não fôr por nós é contra nós.

Este comitê espera não ter motivos para voltar a agir, e está vigilante.

Viva a vitória da classe!

Viva a organização operária!

Viva a Batalha!—O Comitê.

### Capitães dos vapores de pesca

#### NOTA OFICIAL

Camaradas:—Lamentável é dizer-lhes que os senhores armadores não querem o gesto, que os dignificaria, de entregar o que é de justiça aos capitães. A comissão de *démarches* não tornou a ser chamada, mas aguarda que os srs. armadores o façam a fim de ouvir mais uma vez as suas intenções. Entretanto este comitê, comunicando-vos que a vitória está assegurada, espera que todos os camaradas mantenham a firmeza tida até aqui. Que o nosso grito continue a ser o de Viva a Greve! Viva a Federação Marítima! Viva a Batalha!

Por último, os manifestantes foram à campa do marinheiro Manoel Braz de Figueiredo, morto pela polícia na calçada da Glória em 10 de Outubro de 1923.

Junto da campa de Buíca, foi aliviado tirar-se uma subscrisão para Manuel Augusto da Costa Buíca, filho do assassinado, que rendeu 51.15\$.

A que se resumiram as comemorações:

A Junta da Freguesia de Arroios distribuiu um bôdo aos pobres, constando de 5.400 a cada.

A Junta da Freguesia de São José distribuiu um bôdo aos pobres da sua área no total de 1.500.900.

A Junta da Freguesia de São Julião distribuiu pelos pobres mais necessários da sua freguesia a quantia de 1.000.000.

O Centro Almirante Reis, festejando o aniversário da República, ofereceu um «junch» às crianças que frequentam a escola mantida por este centro, tendo realizado a noite uma sessão solene.

No Centro Bernardino Machado foi distribuído aos alunos da escola um «lunch», seguido de uma sessão solene, onde usaram da palavra vários oradores. Durante a festa fez-se ouvir um grupo musical.

No Centro Escolar Dr. António José de Almeida houve distribuição de prémios aos alunos da escola que mais se saíram no ano escolar. À noite realizou-se uma «soirée».

O Centro Fernando Pó Machado, solenizando o advento da República, distribuiu um bôdo a 100 pobres da Freguesia de Monte Pedral. A 14 horas realizou-se uma sessão solene, onde usaram da palavra alguns vultos em desfile. A noite realizou-se uma «soirée» tendo a Orquestrina Rosa, executado alguns trechos de música do seu repertório, e abriu uma quermeesse.

Um grupo de moradores da freguesia dos Mártyres, comemorando a passagem de mais um aniversário da República, ves u oito crianças e desfrutou um bôdo a cinqüenta pobres,

Nalguns quartéis de bombeiros foi distribuído um bôdo aos pobres das respetivas freguesias.

Na explanada do Jardim de São Pedro de Alcântara, prosseguiram as festas, promovidas pelas Juntas de Freguesia, Mercês e Encarnação.

Pelas 18 horas realizou-se um coro que partiu do Terreiro do Paço em direção à Rotunda, tendo-se incorporado os carros alegóricos que se achavam em exposição no Terreiro do Paço.

Seguiu pela rua Augusta, Rossio, largo D. João da Câmera e avenda da Liberdade, onde era aguardado pelo Chefe do Estado e entidades oficiais. Em frente da tribuna as bandas que se incorporaram no cortejo, entoaram a Portuguesa, sendo nessa altura ouvidos muitos vivas à República Radical e à classe trabalhadora.

Pelas 21.30, realizou-se um simula-

## A MARINHA MERCANTE

A Associação de Classe dos Inscritos Marítimos vai trabalhar pela completa higiene nos navios

Há campanhas que, tanto pela oportunidade como pela justiça que as caracterizam, se impõem logo no seu começo à opinião pública e conseguem triunfar de todos os obstáculos que lhes são opostos. E' uma dessas campanhas que hoje iniciamos.

Os trabalhadores marítimos não podem estar durante mais tempo à mercê da ação nessas perigosas viagens que fazem, no exercício de uma profissão que fazem, a agravos sofrimentos e a incerteza da gravidade do próprio mal... Era, então, tão intensa a febre que a todos do-

uma época de pestilência, que, como aquela que após a guerra, parecia dizimar as vidas de toda a gente.

Toda a tripulação tem exceptão de qualquer que exerça o mais infimo lugar a bordo e se sentia poseuda pela terrível febre. Desde as indistintas regiões de África até ao continente, deprimidos por todos os recursos da ciência, aquelas criaturas se debatiam entre os mais agravos sofrimentos e a incerteza da gravidade do próprio mal... Era, então,

uma época de pestilência, que, como aquela que após a guerra, parecia dizimar as vidas de toda a gente.

Na ponta da Parceria dos Vapores Lisboenses, embarcaram ontem pelas 13 horas, a bordo do *Europa* e do *Formiga*, os membros do directorio do P. R. R. da comissão organizadora da visita de todos as comissões políticas de Lisboa e arredores, acompanhados por intérpretes, corregidórios e outros indivíduos de diversas tendências políticas e filosóficas, a fim de irem visitar os presos que se encontravam em São Julião da Barra e na Casa de Reclusão da Barra.

O sinal de partida foi dado por três morteiros lançados no Cais do Sodré. Imediatamente a multidão encaminhou-se para os barcos, vendo-se uma grande de bandeira empunhada por um elemento radical, seguido por muitos outros. Os barcos que estavam embaixados em arco, tendo já a bordo centenas de passageiros fizeram-se ao largo, tomando a direção dos vasos de guerra que estão no Tejo, onde foi feita uma carinhosa saudação à suas tripulações, e selado diversos vivas ao Partido e à proxima revolução radical, tudo sem preceito de loquela.

Joaquim Poçinho assim se chamava o cosineiro do vapor, cuja morte se pode atribuir, sem medo de desmentido à carência de recursos medicinais devido a todos protestos e reclamações que se tem feito e que ainda podem ser.

Na ponta da Parceria dos Vapores Lisboenses, embarcaram ontem pelas 13 horas, a bordo do *Europa* e do *Formiga*, os membros do directorio do P. R. R. da comissão organizadora da visita de todos as comissões políticas de Lisboa e arredores, acompanhados por intérpretes, corregidórios e outros indivíduos de diversas tendências políticas e filosóficas, a fim de irem visitar os presos que se encontravam em São Julião da Barra e na Casa de Reclusão da Barra.

O sinal de partida foi dado por três morteiros lançados no Cais do Sodré. Imediatamente a multidão encaminhou-se para os barcos, vendo-se uma grande de bandeira empunhada por um elemento radical, seguido por muitos outros. Os barcos que estavam embaixados em arco, tendo já a bordo centenas de passageiros fizeram-se ao largo, tomando a direção dos vasos de guerra que estão no Tejo, onde foi feita uma carinhosa saudação à suas tripulações, e selado diversos vivas ao Partido e à proxima revolução radical, tudo sem preceito de loquela.

Na ponta da Parceria dos Vapores Lisboenses, embarcaram ontem pelas 13 horas, a bordo do *Europa* e do *Formiga*, os membros do directorio do P. R. R. da comissão organizadora da visita de todos as comissões políticas de Lisboa e arredores, acompanhados por intérpretes, corregidórios e outros indivíduos de diversas tendências políticas e filosóficas, a fim de irem visitar os presos que se encontravam em São Julião da Barra e na Casa de Reclusão da Barra.

O sinal de partida foi dado por três morteiros lançados no Cais do Sodré. Imediatamente a multidão encaminhou-se para os barcos, vendo-se uma grande de bandeira empunhada por um elemento radical, seguido por muitos outros. Os barcos que estavam embaixados em arco, tendo já a bordo centenas de passageiros fizeram-se ao largo, tomando a direção dos vasos de guerra que estão no Tejo, onde foi feita uma carinhosa saudação à suas tripulações, e selado diversos vivas ao Partido e à proxima revolução radical, tudo sem preceito de loquela.

Na ponta da Parceria dos Vapores Lisboenses, embarcaram ontem pelas 13 horas, a bordo do *Europa* e do *Formiga*, os membros do directorio do P. R. R. da comissão organizadora da visita de todos as comissões políticas de Lisboa e arredores, acompanhados por intérpretes, corregidórios e outros indivíduos de diversas tendências políticas e filosóficas, a fim de irem visitar os presos que se encontravam em São Julião da Barra e na Casa de Reclusão da Barra.

O sinal de partida foi dado por três morteiros lançados no Cais do Sodré. Imediatamente a multidão encaminhou-se para os barcos, vendo-se uma grande de bandeira empunhada por um elemento radical, seguido por muitos outros. Os barcos que estavam embaixados em arco, tendo já a bordo centenas de passageiros fizeram-se ao largo, tomando a direção dos vasos de guerra que estão no Tejo, onde foi feita uma carinhosa saudação à suas tripulações, e selado diversos vivas ao Partido e à proxima revolução radical, tudo sem preceito de loquela.

Na ponta da Parceria dos Vapores Lisboenses, embarcaram ontem pelas 13 horas, a bordo do *Europa* e do *Formiga*, os membros do directorio do P. R. R. da comissão organizadora da visita de todos as comissões políticas de Lisboa e arredores, acompanhados por intérpretes, corregidórios e outros indivíduos de diversas tendências políticas e filosóficas, a fim de irem visitar os presos que se encontravam em São Julião da Barra e na Casa de Reclusão da Barra.

O sinal de partida foi dado por três morteiros lançados no Cais do Sodré. Imediatamente a multidão encaminhou-se para os barcos, vendo-se uma grande de bandeira empunhada por um elemento radical, seguido por muitos outros. Os barcos que estavam embaixados em arco, tendo já a bordo centenas de passageiros fizeram-se ao largo, tomando a direção dos vasos de guerra que estão no Tejo, onde foi feita uma carinhosa saudação à suas tripulações, e selado diversos vivas ao Partido e à proxima revolução radical, tudo sem preceito de loquela.

Na ponta da Parceria dos Vapores Lisboenses, embarcaram ontem pelas 13 horas, a bordo do *Europa* e do *Formiga*, os membros do directorio do P. R. R. da comissão organizadora da visita de todos as comissões políticas de Lisboa e arredores, acompanhados por intérpretes, corregidórios e outros indivíduos de diversas tendências políticas e filosóficas, a fim de irem visitar os presos que se encontravam em São Julião da Barra e na Casa de Reclusão da Barra.

O sinal de partida foi dado por três morteiros lançados no Cais do Sodré. Imediatamente a multidão encaminhou-se para os barcos, vendo-se uma grande de bandeira empunhada por um elemento radical, seguido por muitos outros. Os barcos que estavam embaixados em arco, tendo já a bordo

## Interesses de classe

## A exportação da cortiça em prancha

A industria de cortiça prospera na Bélgica enquanto entre nós, país corticeiro definha lançando operários à miséria por falta de trabalho

Escreve-nos da Bélgica um português de Portugal (muito mais do que de amigo da indústria um extenso artigo) que não estivessem a indicar de protesto contra a exportação das nossas cortiças em prancha. Por ser assim por que a classe corticeira não se tem interessado e se interessou ainda, damo-lhe à estampa apenas eliminando períodos que em cada alteram a exposição do autor e que apenas tornam mais compatível com o espaço de que dispomos:

Redactor:—Peço a fineza de inserir no seu jornal o que passa a expôr, para que a classe corticeira e os pequenos fabricantes de Portugal, que da cortiça vivem, fiquem sabendo como os nossos governantes matam a industria corticeira no nosso país, consentindo que os ébeis empurram, rindo-se de nós, sem piedade e de escantilhão para o abismo da fome.

No 1º de outubro próximo, os quadros de cortiça passam a pagar de direitos de entrada, na Bélgica, cerca de 100 francos cada 100 quilos. Em maio passado tinha havido um outro aumento de direitos. Para o fim desse mês, cada quadro feito em Portugal pelos nossos operários pagará talvez um franco de direitos...

E à morte, a morte pura e simples da nossa indústria de quadros e rohais.

Impõe-se desde já um aumento nos direitos de saída da cortiça em prancha, para os países que tenham elevado impiedosamente as suas pautas de entrada para os produtos manufacturados portugueses da indústria corticeira.

Hoje, já não se podem vender quadros e rohais de Portugal, na Bélgica, salvo se forem vendidos mais barato do que o seu custo na procedência. Se se continuar daí a auxiliar o desenvolvimento de uma indústria, que é nossa, neste país, ao qual as indústrias não falam, nem assim nem de forma alguma, conseguiremos aqui vender os produtos da indústria nacional, num prazo breve.

Cortiça em prancha vende-se aqui, cada vez mais; mas a cortiça em prancha só interessa meia dúzia de grandes indústrias e um número reduzido de operários do nosso país. O que é preciso, ainda que se restrinjam um pouco os lucros de certos fabricantes de cortiça, na sua maioria estrangeiros, estabelecidos em Portugal, o que é necessário e urgente é garantir o pão, no presente e no futuro, de milhares de fabricantes e de operários profissionais da cortiça do nosso país.

Quanto mais tarde os operários portugueses se resolvam a agir, a defender o seu direito à vida, tanto pior para elas. A indústria desenvolver-se-há no estrangeiro, dia a dia, e cada vez se tornará mais difícil tomar medidas de salvaguarda em prol dumha indústria portuguesa, que o estrangeiro, aproveitando, repetimos, a cegueira ou o desleixo criminosos dos nossos governos, vai lentamente atacando na sua base e destruindo na nossa casa, para a implantar e fazer florescer nos seus respectivos países.

Alerta, poços, corticeiros. Hoje mais do que nunca está ameaçado o vosso pão e o vosso filhos. É preciso agir junto dos governos, imediatamente, para que sejam elevados os direitos da prancha e protegida a nossa indústria, condenada à morte pelo estrangeiro.

Os interesses de meia dúzia de produtores e de grandes industriais da prancha não devem prevalecer sobre os da nação em geral e sobre os da numerosa classe corticeira em especial.

Que o nosso desespero de viver como se escarnecesse e se empobrecesse um pouco, e de vivermos a menor compensação de viver, tem ao menos a compensação de viver, protestar a classe corticeira do nosso país.

Um português amigo da indústria

## A BATALHA NA PROVÍNCIA E NOS ARREDORES

## PONTE DO LIMA

O «modelar» procedimento dum senhorio ganancioso, velhaco e insensível

PONTE DO LIMA, 3—Os senhorios vêm cometendo por toda a parte crimes de todo o tamanho. Com a ajuda das autoridades, que colocam acima deles os predios dos inquilinos para nêles meterem outros que lhes oferecem maiores alugues e pensões, quando os tais predios têm terras de cultivo.

Foi o que sucedeu ultimamente no quilómetro 1, no melhor, caso de António Pires. Trazia uma quinta arrendada na freguesia de Arca por 100 alqueires de milho, há alguns anos, ao sr. Benjamin de Cunha, mais conhecido por Benjamin Ferrador. Lá porque outro caseiro inconsciente e traidor (é inconsciente e traidor todo aquele que atraíço a seu companheiro de trabalho) lhe ofereceu maior pensão pela tal quinta do que a que lhe pagava o António Pires, ou seja, 60 alqueires de milho a mais, o sr. Ferrador, que é um verdadeiro reacionário monárquico e um autêntico explorador, ferrou-lhe uma flagrante injustiça: mandou-o citar por um laçado de pedra, melancólico, triste...

E na noite do dia em que fôr obrigado a pôr os trastes fora da choupana onde habitava, dormiu aquele trabalhador mais sua mulher e filhos ao relento, próximo da tal choupana, enquanto o sr. Benjamin Ferrador descansava reastadamente no seu palácio entre finos e alvos lençóis...

Este caso, não é o primeiro que se dá, é certo, mas encontramo-nos revoltados com ele, porque sentimos quanto é de tem de injusto e a angústia que vêm os corações dessas pobres vítimas da sociedade...

Se a quinta do referido senhor não tivesse outro pretendente, o António Pires, não seria dali expulso. Esse pretendente é um trabalhador, que lhe ofereceu maior pensão para ir para lá, mas ver-se-há ainda intruído pelo Ferrador quando o foi o Pires—que apenas guardou para si a parte do vinho e das matas que lhe pertenciam. O milho, que é um dos principais alimentos dos pobres depois de transformado em farinha e pão, já não o colhe, pelo facto de terminar o ano agrícola no dia 29 de Setembro...

«Os filhinhos daquele trabalhador passarão fome de pão se o seu ex-herói não lhe der a parte de milho que lhe pertence. Passarão fome e essa fome provocará decerto a revolta na alma do pai, — C.

Porém, não obstante a satânica resolução do «Ferra dôres...» o António Pires ainda foi ter com ele, findingo aquele prazo para lhe pagar em dinheiro o milho em questão, mas ele recusou a reembolso, assim como a recebeu-lhe a recusa em outra ocasião anterior à tal citação, sobre a resposta mateira de que tinha tempo...

No manhã do dia 25 de Setembro, foi o pobre Pires intimado a pôr os trastes na sua por um oficial de diligências, que entrou em sua casa, ou melhor, numa pequena choupana onde habitava com sua mulher e filhos, sem sua prévia autorização, apesar do artigo 189.º do Código do Processo Civil dizendo explicitamente que nenhum empregado encarregado da citação ou intimação

pode entrar em casa da pessoa que tiver de citar ou intimar sem permissão de deles.

Nesse mesmo dia, porém, foi o António Pires procurar o sr. Benjamin Ferrador a fim de deixar ficar na «sua» choupana e na «sua» quinta, Pedralhe «pelas almas»; disse-lhe que lhe dava os 15 alqueires de milho que lhe devia da pensão do ano passado; fez-lhe ver que tinha muitos filhinhos a sustentar e que lhe não era possível arranjar por quanto casa para onde ir morar; abraçou-se, enfim, a ele a vez se condonou de si e dos seus e o deixava ficar na tal choupana e na tal quinta.

Mas nada conseguiu. O sr. Benjamin Ferrador respondeu-lhe negativamente. Disse-lhe, numa desculpa de man pagador, que o que é Pires, agora lhe pedia, não era consigo, mas sim com a justiça...

O pobre o Pires retirou-se, então, do pé do sr. Ferrador, senhorio velhaco e de arcabouço de ferro e coração de pedra, melancólico, triste...

E na noite do dia em que fôr obrigado a pôr os trastes fora da choupana onde habitava, dormiu aquele trabalhador mais sua mulher e filhos ao relento, próximo da tal choupana, enquanto o sr. Benjamin Ferrador descansava reastadamente no seu palácio entre finos e alvos lençóis...

Este caso, não é o primeiro que se dá, é certo, mas encontramo-nos revoltados com ele, porque sentimos quanto é de tem de injusto e a angústia que vêm os corações dessas pobres vítimas da sociedade...

Se a quinta do referido senhor não tivesse outro pretendente, o António Pires, não seria dali expulso. Esse pretendente é um trabalhador, que lhe ofereceu maior pensão para ir para lá, mas ver-se-há ainda intruído pelo Ferrador quando o foi o Pires—que apenas guardou para si a parte do vinho e das matas que lhe pertenciam. O milho, que é um dos principais alimentos dos pobres depois de transformado em farinha e pão, já não o colhe, pelo facto de terminar o ano agrícola no dia 29 de Setembro...

«Os filhinhos daquele trabalhador passarão fome de pão se o seu ex-herói não lhe der a parte de milho que lhe pertence. Passarão fome e essa fome provocará decerto a revolta na alma do pai, — C.

Os trabalhadores rurais são os que nessa região vêm sendo sujeitos a maior exploração. Mas os trabalhadores dos restantes ramos pouco mais felizes são. Na indústria corticeira o operariado daí é fortemente explorado em relação ao operariado das mais terras.

E tudo isto porque o operariado não se tem sabido impôr por forma a saber ao mesmo fazer cumprir, as conquistas levadas a cabo pela federação. Sobre todos, destaca-se na exploração industrial Burgos, o célebre Burgos, a que

Burgos que não gosta de ver o nome dos seus jornais. Este «bicho», fina flor da burguesia, tem usado todos os processos para explorar os seus operários. No último movimento grevista o pessoal da fábrica Burgos, este explorador, que atá forá da fábrica vem exercer uma vil exploração.

Os bancos do passeio

Para terminar esta notícia devemos dizer que já foram reparados os bancos do passeio. Como muita gente de certo não sabe a razão porque foram concorridos, nós devemos dizer que um belo dia, o sr. capitão Brito Faria, servindo de presidente da câmara, sentou-se num banco do passeio, mas o banco estava

lambido a que se escavava, o que

deu origem a que o capitão, presidente da câmara, caisse, voltando os pés para cima a que deu motivo a grande risada...

No dia seguinte começaram logo a ser reparados os bancos. Abençoado «trambulhão» não houvesse por ai um valente marmeleiro que azorrasse duma vez só todos os bandidos e exploradores que por ai abundam, a ver se isto ficava no sôlo.

Os trabalhadores rurais são os que nessa região vêm sendo sujeitos a maior exploração. Mas os trabalhadores dos restantes ramos pouco mais felizes são. Na indústria corticeira o operariado daí é fortemente explorado em relação ao operariado das mais terras.

E tudo isto porque o operariado não se tem sabido impôr por forma a saber ao mesmo fazer cumprir, as conquistas levadas a cabo pela federação. Sobre todos, destaca-se na exploração industrial Burgos, o célebre Burgos, a que

Burgos que não gosta de ver o nome dos seus jornais. Este «bicho», fina flor da burguesia, tem usado todos os processos para explorar os seus operários. No último movimento grevista o pessoal da fábrica Burgos, este explorador, que atá forá da fábrica vem exercer uma vil exploração.

Os bancos do passeio

Para terminar esta notícia devemos dizer que já foram reparados os bancos do passeio. Como muita gente de certo não sabe a razão porque foram concorridos, nós devemos dizer que um belo dia, o sr. capitão Brito Faria, servindo de presidente da câmara, sentou-se num banco do passeio, mas o banco estava

lambido a que se escavava, o que

deu origem a que o capitão, presidente da câmara, caisse, voltando os pés para cima a que deu motivo a grande risada...

No dia seguinte começaram logo a ser reparados os bancos. Abençoado «trambulhão» não houvesse por ai um valente marmeleiro que azorrasse duma vez só todos os bandidos e exploradores que por ai abundam, a ver se isto ficava no sôlo.

Os bancos do passeio

Para terminar esta notícia devemos dizer que já foram reparados os bancos do passeio. Como muita gente de certo não sabe a razão porque foram concorridos, nós devemos dizer que um belo dia, o sr. capitão Brito Faria, servindo de presidente da câmara, sentou-se num banco do passeio, mas o banco estava

lambido a que se escavava, o que

deu origem a que o capitão, presidente da câmara, caisse, voltando os pés para cima a que deu motivo a grande risada...

No dia seguinte começaram logo a ser reparados os bancos. Abençoado «trambulhão» não houvesse por ai um valente marmeleiro que azorrasse duma vez só todos os bandidos e exploradores que por ai abundam, a ver se isto ficava no sôlo.

Os bancos do passeio

Para terminar esta notícia devemos dizer que já foram reparados os bancos do passeio. Como muita gente de certo não sabe a razão porque foram concorridos, nós devemos dizer que um belo dia, o sr. capitão Brito Faria, servindo de presidente da câmara, sentou-se num banco do passeio, mas o banco estava

lambido a que se escavava, o que

deu origem a que o capitão, presidente da câmara, caisse, voltando os pés para cima a que deu motivo a grande risada...

No dia seguinte começaram logo a ser reparados os bancos. Abençoado «trambulhão» não houvesse por ai um valente marmeleiro que azorrasse duma vez só todos os bandidos e exploradores que por ai abundam, a ver se isto ficava no sôlo.

Os bancos do passeio

Para terminar esta notícia devemos dizer que já foram reparados os bancos do passeio. Como muita gente de certo não sabe a razão porque foram concorridos, nós devemos dizer que um belo dia, o sr. capitão Brito Faria, servindo de presidente da câmara, sentou-se num banco do passeio, mas o banco estava

lambido a que se escavava, o que

deu origem a que o capitão, presidente da câmara, caisse, voltando os pés para cima a que deu motivo a grande risada...

No dia seguinte começaram logo a ser reparados os bancos. Abençoado «trambulhão» não houvesse por ai um valente marmeleiro que azorrasse duma vez só todos os bandidos e exploradores que por ai abundam, a ver se isto ficava no sôlo.

Os bancos do passeio

Para terminar esta notícia devemos dizer que já foram reparados os bancos do passeio. Como muita gente de certo não sabe a razão porque foram concorridos, nós devemos dizer que um belo dia, o sr. capitão Brito Faria, servindo de presidente da câmara, sentou-se num banco do passeio, mas o banco estava

lambido a que se escavava, o que

deu origem a que o capitão, presidente da câmara, caisse, voltando os pés para cima a que deu motivo a grande risada...

No dia seguinte começaram logo a ser reparados os bancos. Abençoado «trambulhão» não houvesse por ai um valente marmeleiro que azorrasse duma vez só todos os bandidos e exploradores que por ai abundam, a ver se isto ficava no sôlo.

Os bancos do passeio

Para terminar esta notícia devemos dizer que já foram reparados os bancos do passeio. Como muita gente de certo não sabe a razão porque foram concorridos, nós devemos dizer que um belo dia, o sr. capitão Brito Faria, servindo de presidente da câmara, sentou-se num banco do passeio, mas o banco estava

lambido a que se escavava, o que

deu origem a que o capitão, presidente da câmara, caisse, voltando os pés para cima a que deu motivo a grande risada...

No dia seguinte começaram logo a ser reparados os bancos. Abençoado «trambulhão» não houvesse por ai um valente marmeleiro que azorrasse duma vez só todos os bandidos e exploradores que por ai abundam, a ver se isto ficava no sôlo.

Os bancos do passeio

Para terminar esta notícia devemos dizer que já foram reparados os bancos do passeio. Como muita gente de certo não sabe a razão porque foram concorridos, nós devemos dizer que um belo dia, o sr. capitão Brito Faria, servindo de presidente da câmara, sentou-se num banco do passeio, mas o banco estava

lambido a que se escavava, o que

deu origem a que o capitão, presidente da câmara, caisse, voltando os pés para cima a que deu motivo a grande risada...

No dia seguinte começaram logo a ser reparados os bancos. Abençoado «trambulhão» não houvesse por ai um valente marmeleiro que azorrasse duma vez só todos os bandidos e exploradores que por ai abundam, a ver se isto ficava no sôlo.

Os bancos do passeio

Para terminar esta notícia devemos dizer que já foram reparados os bancos do passeio. Como muita gente de certo não sabe a razão porque foram concorridos, nós devemos dizer que um belo dia, o sr. capitão Brito Faria, servindo de presidente da câmara, sentou-se num banco do passeio, mas o banco estava

lambido a que se escavava, o que

deu origem a que o capitão, presidente da câmara, caisse, voltando os pés para cima a que deu motivo a grande risada...

## Conselho Técnico da Construção Civil

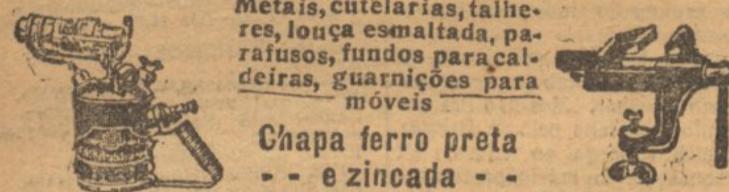
Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os estilos, fogões de sala, xadres, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone, C. 5339

Escritório: Calçada do Combro, 38-A, 2.º

## Valério, Lopes &amp; Ferreira, L. L.

FERRAGENS E FERRAMENTAS



Chapa ferro preta  
- e zincada -

Chapa de zinco, latão e cobre, antimônio, balanças, pésos e medidas, cravo para farrador, serras circulares e de fita, etc.

TELE fone, 3930, N.

84, Rua do Amparo, 86 -- LISBOA

## CALÇADO

## A Sapataria do Calhariz

a 25\$00 grande lote de sapatos em verniz, abotinados, salto Luis XV.

a 15\$00 botas em calf, preto, fórmula da moda, 2 gáspeas e 2 solas corridas, cujo valor é de 100\$00.

a 30\$00 sapatos de verniz abotinados e c. IX, para senhora, cujo valor é de 60\$00.

a 55\$00 sapatos de calf côntra moda, cujo valor é de 80\$00.

a 59\$50 grande lote de botas, Desde 6\$00 sapatos para criança

## FOOT-BALL

Esta casa, vende botas e bolas, muito mais baratas que qualquer outra casa

33, LARGO DO CALHARIZ, 33

## IMPORTANTE

## EGURO MARITIMOS

"A MUNIAL" participa a todos os seus clientes que celebraram contratos com os mais importantes resseguradores, ficando assim habilitada a cobrir os riscos marítimos em condições das mais vantajosas e dentro da máxima garantia.

Vantagens especiais em apólices fluotantes.

Dirigir-se a



## A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital integralmente realizado, Esc. 500.000\$00 -- Reservas, Esc. 749.031\$63,9

SEDE EM LISBOA DELEGAÇÃO NO PORTO

Rua Garrett, 95 -- Tel. 3831 R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

PURGAÇÕES  
- E -  
PROSTATITES

Curam-se radicalmente na Farmácia Ultramarina - Rua de São Paulo, 101. Purgações, 21 dias. Prostatites, 21 dias. Antigas ou recentes curam-se sempre.

TINTA DE ESMALTE  
ROUTTAND  
AMARELO - CINZENTO  
AZUL - COR DE ROSA  
SALMÃO - CORAL

Preço por quilo 15\$00, em latas de 1 quilo, 1/2 quilo, 250 e 100 gramas

A. Vincent - Rua Ivens, 56 - Lisboa

Pedras para  
isqueiros

A melhor marca do mercado  
- Redondas ou em prancha -  
Fornecidas aos quilos ou em envelopes com 100 ou  
em tubos de vidro

Pedidos ao importador:

J. V. Oliveira Júnior  
Rua da Prata, 178, 1.ºCaminhos de Ferro do Estado  
Direcção do Sul e Sueste

Serviço dos Armazéns Gerais

Concurso para adjudicação  
da compra de óleo de linhaga

## ANUNCIO

Pelo presente anúncio se faz público que no dia 10 do próximo mês de Outubro pelas 13 horas, perante a Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e na sua sede, rua de São Mamede, n.º 63, as Caldas, Lisboa, se há de proceder a concurso público para a adjudicação da compra de 8.000 quilos de óleo de linhaga crú, genuíno.

Para ser admitido à licitação deverá o concorrente mostrar que efectuou em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até às 15 horas do último dia útil anterior ao do concurso o depósito provisório de 1.000\$00.

Concurso para a adjudicação da compra de carboreto de cálcio

## ANUNCIO

Pelo presente anúncio se faz público que no dia 11 do próximo mês de Outubro pelas 13 horas, perante a Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e na sua sede, rua de São Mamede, n.º 63, as Caldas, Lisboa, se há de proceder a concurso público para a adjudicação da compra de 15.000 quilos de carboreto de cálcio.

Para ser admitido à licitação deverá o concorrente mostrar que efectuou em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até às 15 horas do último dia útil anterior ao do concurso o depósito provisório de 1.000\$00.

As propostas devem ser feitas em papel selado ou com um sello de 15\$00 devidamente inutilizado.

O concorrente a quem for feita a adjudicação terá de reforçar o seu depósito provisório com a quantia necessária para prezar 5% da importância total da adjudicação, constituindo assim, para garantia do respectivo contrato, um depósito definitivo, que ficará à ordem da Direcção do Sul e Sueste, por intermédio da qual será posteriormente transferido para a Caixa Geral dos Depósitos.

O reforço indicado deverá efectuarse na mesma Tesouraria em que tiver sido realizado o depósito provisório.

O programa do concurso e o respetivo caderno de encargos acham-se patentes no Serviço dos Armazéns Gerais, calçada do Correio Velho, 17, 1.º, Lisboa e na Direcção do Minho e Douro, Porto, onde podem ser examinados em todos os dias úteis, das 11 às 16 horas.

Lisboa, 22 de Setembro de 1924.

O Engenheiro Chefe do Serviço de

Armazéns Gerais, (a) Feio Terenós,

JUNGHANS - RADIUM  
ÚNICOS IMPORTADORES  
COTRINS & AFONSO, L. DA  
Lisboa - Rua da Prata, 173, 1.º

Despertadores, Relógios de parede e meia, Carrilhões, Relógios de bordo e automóveis e de bálsio.

Empregado a qualquer hora da noite.

## Ao Povo!

Fabrico manual de calçado e polainas

PÓ Anti-blenorragico

E' o mais poderoso combatente das blenorragias crónicas eructantes.

Resultados imediatos e comprovados pelo distinto médico operador dr. sr. Cristiano de Moraes.

Caixa 10\$00

Depósito Geral:

A. Costa Coelho

Bomjardim, 440 - PORTO

FABRICA

de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON &amp; C. A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

TELEF. C. 1244 - LISBOA

FABRICA

de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON &amp; C. A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

TELEF. C. 1244 - LISBOA

FABRICA

de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON &amp; C. A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

TELEF. C. 1244 - LISBOA

FABRICA

de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON &amp; C. A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

TELEF. C. 1244 - LISBOA

FABRICA

de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON &amp; C. A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

TELEF. C. 1244 - LISBOA

FABRICA

de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON &amp; C. A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

TELEF. C. 1244 - LISBOA

FABRICA

de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON &amp; C. A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

TELEF. C. 1244 - LISBOA

FABRICA

de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON &amp; C. A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

TELEF. C. 1244 - LISBOA

FABRICA

de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON &amp; C. A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

TELEF. C. 1244 - LISBOA

FABRICA

de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON &amp; C. A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

TELEF. C. 1244 - LISBOA

FABRICA

de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON &amp; C. A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

TELEF. C. 1244 - LISBOA

FABRICA

de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON &amp; C. A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

TELEF. C. 1244 - LISBOA

FABRICA

de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON &amp; C. A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

TELEF. C. 1244 - LISBOA

FABRICA

de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON &amp; C. A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

TELEF. C. 1244 - LISBOA

FABRICA

de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON &amp; C. A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

TELEF. C. 1244 - LISBOA

FABRICA

de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON &amp; C. A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

TELEF. C. 1244 - LISBOA

FABRICA

de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON &amp; C. A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

TELEF. C. 1244 - LISBOA

FABRICA

de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON &amp; C. A

TRAVESSA DO CORPO SANTO